

## 5 Considerações Finais

“No familiar, descubram o insólito.  
No cotidiano, desvelem o inexplicável.  
Que o que é habitual provoque espanto.  
Na regra, descubram o abuso  
E sempre que o abuso for encontrado  
Procurem o remédio”  
(Brecht *apud* Peixoto, 1981, p. 60)

Com esses versos Brecht encerra peça “A Exceção e a Regra” quando os atores se dirigem à plateia num último estranhamento capaz de gerar uma inversão do jogo social ao modo das festas em Victor Turner, como atesta Dawsey (1998).

Em última instância o que esse trabalho se propõe é uma inversão do olhar sobre a cultura Tupiniquim em Caieiras Velhas – Aracruz-ES (2006-2011), ao mostrar, a partir de seus sujeitos, possibilidades de ver a vida como um teatro para dele depreender as formas de resistência social em gestos, falas e atos que fortaleçam a intervenção social.

Para tanto a proposta do Teatro do Oprimido de Augusto Boal nos pareceu uma das mais pertinentes formas de Ver, Escutar, Sentir, Ativar e Resgatar elementos das identidades, das memórias, das territorialidades, e das relações de subalternidade e resistência social em suas variadas formas no território Tupiniquim de Caieiras Velhas, Aracruz-ES.

Ao privilegiar a experiência e a vivência registradas em cadernos de memórias, fotografias, “discursos públicos” e “discursos ocultos”, e resgatar as memórias de luta desse povo e das pertenças construídas ao longo de cinco anos (2006-2011), da observação e intervenção do autor deste estudo no território indígena Tupiniquim, e em especial na aldeia Caieiras Velhas nos últimos anos, o que emergiu, a nosso ver, foi a possibilidade de construção de

saberes interdisciplinares e interculturais que busquem o diálogo entre as disciplinas na academia e entre essa e as culturas.

Tal postura não é gratuita e faz parte da perspectiva de descolonização e relativização de olhares e ações, principalmente quando a atuação do pesquisador implica uma ação sobre o real, retornando a ele para interrogá-lo: dar voz aos que historicamente foram negados o direito de se enunciar.

O que buscamos realizar aqui não é pois uma regra, mas também não se constitui em única exceção, pois a contemporaneidade exige cada vez mais que lancemos olhares mais plurais e antropológicos (interdisciplinares e interculturais) sobre as questões sociais, reconhecendo os direitos de enunciação de diferentes sociedades e atores (ou agentes sociais) como as sociedades indígenas, que têm posto em cheque nossa pretensa modernidade ocidental com suas imposições.<sup>32</sup>

Diante desse quadro o que chamamos de “Teatro do Poder” em Geertz (1989) e Scott (2000) e o “Teatro do Oprimido” de Augusto Boal nos apontam possibilidades para ações emancipatórias onde o aprender e com o outro torna-se a base para um agir menos impositivo e mais dialogal.

No tocante a implementação do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) Indígena, salientamos algumas direções que os próprios sujeitos da pesquisa nos apresentaram, a saber: a necessidade de políticas públicas de valorização dos saberes tradicionais, o controle da entrada de religiões não tradicionais do território, a realização de programas e projetos com enfoque cultural (Bandas de Congo e Danças Indígenas, por exemplo) de combate às drogas e ao alcoolismo principalmente entre os jovens com foco na cultura indígena local, a implantação de telecentros nas aldeias que facilitem o acesso à internet como base para pesquisa e diálogos de saberes indígenas tradicionais, a valorização dos espaços de participação das mulheres, projetos de combate à

---

<sup>32</sup> Refiro-me-nos aqui a uma discussão de mão única presente nas Ciências Sociais e no Serviço Social que tende a desconsiderar os debates que extrapolam o paradigma da Sociedade Salarial. As sociedades indígenas pré-colombianas e pré-cabralinas, e as ainda r-existentes, continuam e continuarão a r-existir com seus saberes, sistemas de práticas e pensamento, independente de nossa deferência. O que testemunhamos ao longo da História foi a imposição de modos de produção e vida que desrespeitaram essas culturas. Acreditamos que ignorar o ponto de vista desses sujeitos, seus valores, suas crenças e seu modo de agir no mundo não ultrapassa a continuidade de tais violências.

fome e geração de renda com base nos saberes territoriais indígenas e em especial a valorização das ações das mulheres, projetos de valorização da história e dos saberes orais dos indígenas Tupiniquim, a valorização dos diálogos interculturais entre indígenas de outros territórios, nações e etnias, a valorização dos espaços de participação local (conselhos e associações indígenas), apoio às festividades e celebrações rituais do calendário tradicional indígena, a construção de um cemitério na terra indígena, implantação de redutores de velocidade dos carros e controle do acesso de agentes estranhos às aldeias por parte dos próprios mecanismos que garantam a participação não tutelada dos indígenas, inclusão de um antropólogo na equipe básica do CRAS com conhecimento o território em questão, dentre muitas outras questões a serem elencadas no contato com os próprios indígenas.

Acreditamos que esse é um dos momentos em que o exercício da alteridade pode assumir a possibilidade de uma ação verdadeiramente solidária em gestos, falas e atos. Ser assim, solidário, é ser Teatro com novos textos e novas posturas capazes de re-mediare nossos trágicos erros históricos.